



ESPAÇO E ESCALA DA CASA NAS EXPERIÊNCIAS DAS DIFERENTES MASCULINIDADES GAYS, EM CÁCERES – MT

Higor Lopes Andrade¹

Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia²

Evaldo Ferreira³

Joseli Maria Silva⁴

RESUMO

O presente trabalho foi construído por meio da necessidade de se discutir como a masculinidade gay vivencia suas espacialidades da casa, em Cáceres-MT, uma cidade interiorana, marcada pela religiosidade e colonialidade. Para atingir o objetivo proposto, foi necessário a construção inicial do referencial teórico, aplicação de questionário, via Google Forms e entrevista presencial e/ou remota com 41 pessoas que se identificam como gays e aceitaram participar da pesquisa. Para tanto, utilizou-se do método Bola de Neve. A casa é uma escala na Geografia que muitas das vezes é ignorada e pensada como um espaço privado, que não deve ser pesquisado, entretanto, é uma escala necessária para entender as relações dos sujeitos, principalmente o grupo LGBTQIA+ que é negligenciado pela sociedade e enfrenta diferentes dificuldades. Ao final da pesquisa, pode-se observar que homens gays podem vivenciar a casa de diversas maneiras, entretanto, a mesma ainda representa, para estes sujeitos, um espaço de opressão e que reforça a cisheteronormatividade. A casa pode significar também um espaço de amor e de empoderamento. É neste espaço que o homem gay vai vivenciar sua liberdade e performar sua verdadeira masculinidade.

Palavras-chave: Cisheteronormatividade, Sexualidade, Performances da masculinidade, Violência.

ABSTRACT

The following text was built for the necessity of debating how the gay masculinity lives their home spaciality, in Cáceres-MT, a country town, marked by religiosity and colonialism. To reach the purposal aim, it was necessary the beginning building of a theoretical framework, applying a questionnaire, by Google Forms and remote and/or Face-to-Face interview with 41 people identifying as gays and accepted joining the research. Therefore, it was used the Snow Ball method. Home is a scale in Geography that many times is ignored and thought as a private place, that must not be explored, however, it is a necessary scale to understand the relationships of the subjects, mainly the LGBTQIA+ that is avoided by the society and face different difficulties. In the end of the research, it can be realized that gay men can live home in different ways, however, it still represents, to these subjects, a place of oppression and that reinforces the cisheteronormativity. Home can mean a place of love and empowerment. It's in this place that the gay men will live their freedom and perform their truly masculinity.

Keywords: Cisheteronormativity, Sexuality, Maculinity performances, Violence.

¹ Mestrando do curso de Geografia da Universidade Estado de Mato Grosso Unemat - Unemat, andrade.higor@unemat.br;

² Mestranda do curso de Geografia da Universidade Estado de Mato Grosso Unemat - Unemat, tamires.cristina@unemat.br;

³ Professor orientador: doutor, Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, evaldoferreira@unemat.br;

⁴ Professora orientadora: doutora, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, joseli.genero@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir as relações entre a escala da casa e a masculinidade *gay*, na cidade de Cáceres-MT. Para alcançar este objetivo, a pesquisa foi constituída por uma discussão teórica e, para a coleta dos dados, utilizou-se de duas etapas de coleta. A primeira foi uma pesquisa, via Google Forms, e a segunda uma entrevista semiestruturada, realizada presencial ou remotamente, com 41 homens que se identificam como *gays*.

Em uma sociedade hegemonicamente heteronormativa como é a brasileira, é importante pensar que as escalas espaciais nem sempre funcionam de forma harmônica com as demais escalas. Uma casa, entendida aqui como uma escala espacial, pode não reproduzir as relações homofóbicas encontradas na cidade e, em outros momentos, pode ser uma escala que reforça a homofobia. A casa, portanto, não é um produto acabado e fixo, mas produto de relações de poder que se configuram de forma múltipla e em variados níveis, como compreendido por geógrafos e geógrafas como Doreen Massey, Joseli Maria da Silva, Linda Mc Dowel, Marcio Ornat, Alides Baptista Chimin Junior, entre outros.

A Geografia brasileira tem uma tradição epistemológica de explorar cientificamente grandes áreas e os espaços públicos, conforme afirma Silva e Ornat (2021), a ciência geográfica tem se mantido fiel ao tradicionalismo de ter seus estudos focados nas escalas de região, nacional e em nível internacional, entretanto com o surto pandêmico do Sars-Cov-2 (Covid-19) a casa se tornou um espaço que necessita de estudos.

A homofobia dentro de casa, muitas vezes gera agressões, violências e isto causa impactos na formação identitária dos sujeitos homossexuais. Perante o apresentado por Andrade (2021), o espaço da casa, no município de Cáceres, apresenta um alto índice de violência para os sujeitos homossexuais, sendo no ambiente familiar o local onde mais ocorre violências física, psicológica, verbal, moral e entre outras.

A masculinidade foi, ao longo da história da sociedade, constituída de diferentes traços de toxicidade. Connel (1995) vai contribuir dizendo que a masculinidade pode ser constituída de diferentes maneiras e em contradições. Butler (1999) corrobora ao afirmar que um sujeito pode ou não exercer sua masculinidade, cujo corpo masculino pode performar uma feminilidade e vice-versa. Essa complexidade e contradição da masculinidade, constitui um sujeito multifacetado, os espaços, os diferentes conflitos e relações de poder que um sujeito vivencia vai fazer com que essa se constitua de diferentes maneiras.

Em Cáceres-MT, a casa para um sujeito *gay* vai representar três diferentes momentos, um de opressão, marcado por violências e reforço da cisheteronormatividade; outro de amor, garantia da segurança e do bem estar de um sujeito; e uma casa de empoderamento, que garante a resistência e confronto com as dominações normativas.

Entende-se então, que a masculinidade *gay* cacerense é constituída por diferentes relações, sejam elas opressoras, positivas ou de resistências. A casa é uma escala de importância e que representa a constituição do sujeito que vai vivenciar e influenciar o espaço geográfico. Mas a casa, para um sujeito *gay*, é ainda, diante do contexto brasileiro, a representação do reforço da LGBTfobia e das regulações cisheteronormativas.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto da pesquisa de dissertação de Mestrado que tem como intuito discutir as relações entre a casa e as masculinidades *gays* na cidade de Cáceres-MT. Esta pesquisa fundamenta-se a partir da pesquisa qualitativa, com coleta de dados e análise das entrevistas; este método busca entender os fenômenos, levando em conta a perspectiva do sujeito ali envolvido e considerando-se todos os pontos importantes (GODOY, 1995).

O referencial teórico deste trabalho é constituído com obras de diferentes autores. Para discutir as relações entre o espaço e a casa, utilizou-se dos entendimentos de autores como Linda McDowell (2000), Milton Santos (2002), Joseli Maria Silva (2011, 2021). Na discussão referente à masculinidade, gênero e sexualidade, recorreu-se de autores como Gillian Rose (1993), Judith Butler (1999), Pedro Paulo de Oliveira (2004), Andrew Gorman-Murray (2019), J.J Bola (2020), entre outros.

Para atingir o objetivo proposto desenvolveu-se a coleta por meio de duas etapas: a primeira com a aplicação de um questionário, via Google Forms, onde os participantes forneceram as informações iniciais e, no segundo momento, a realização de entrevista semiestruturada, remota ou presencial. Ao todo foram 60 participantes na primeira etapa e 41 na segunda, pois alguns sujeitos desistiram de contribuir na fase de entrevista presencial ou remota.

Para alcançar os sujeitos desta pesquisa, foi necessário utilizar-se do método Bola de Neve (*snowball*) que conforme Baldin e Munhoz (2012) é uma técnica utilizada quando a amostragem não é probabilística, onde foi encaminhado o formulário inicial para dois sujeitos e estes replicaram para outros que conheciam. A pesquisa possui autorização e

reconhecimento via Comitê de Ética, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), e os nomes dos participantes foram substituídos aleatoriamente por designação de cores, para que os mesmos não sejam identificados.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Espaço e casa: uma escala silenciada

A casa tem sido pouco estudada pela Geografia, ainda que ela seja reivindicada por grupos sociais como é o conjunto de homens *gays*. Além da casa, o recorte de grupo a ser explorado é o de homens que se autoidentificam como *gays*, independentemente da performatividade de masculinidade. A comunidade *gay* é tomada aqui como diversificada internamente, evidenciando disputas e hierarquias internas. Trata-se de um recorte temático que possui grande potencialidade de inovação do campo científico da geografia brasileira.

Para Santos (2002) o espaço deve ser considerado através de um conjunto de relações realizadas através de funções e formas do presente e do passado, o espaço então, estaria ligado à reprodução das relações e seria um espaço de reprodução social, variando nas mais diversas formas. O espaço geográfico no Brasil possui uma hegemonia de pensamento com base nas ideias de Milton Santos que entende o espaço geográfico como produto das relações capitalistas de produção e de reprodução social, incluindo aí objeto e ações.

Nessa perspectiva de espaço há um produto que não evidencia relações que fogem da ordem economicista da sociedade, havendo assim, uma possibilidade de entender o espaço a partir de outras possibilidades. A das sexualidades e do gênero. Conforme Silva e Silva (2011), há um consenso dentro da ciência geográfica de que o espaço é uma instância da sociedade, e dentro dessa sociedade existem diversos grupos capazes de modelar, transformar e produzir o espaço geográfico, de acordo com as diferenças de cada sujeito e suas realidades.

Concordando ainda com Santos (2002) de que o espaço é a sociedade espacializada, podemos argumentar que tal sociedade também pode ser compreendida por outros elementos formadores que além da classe, também é marcada pelas relações de gênero, das hierarquias sexuais, raciais, religiosas e etárias. Para Silva e Ornat (2021) o espaço da casa sempre foi pensado como privado e que não cabe de ser estudado, entretanto ao discutirmos sobre as relações de gênero e sexualidade e questionarmos as diversas escalas espaciais, a casa também pode ser estudada e questionada.

Ainda segundo Silva e Ornat (2021, p. 61) o espaço da casa:

não se reduz ao privado, já que a domesticidade que implica o cuidado familiar depende de atividades que envolvem o espaço público. Contudo, o espaço privado é performado pela carga cultural de gênero e sexo interiorizada corporalmente de uma forma naturalizada e menos regulada pelas ordens da esfera pública, onde mulheres e homens são sujeitos de direitos e deveres iguais, pelo menos formalmente na maioria dos países ocidentais modernos.

Os autores reforçam o que já foi pontuado na primeira parte deste trabalho, onde o recorte espacial da casa possui uma relação interdependente com o espaço da cidade, o espaço “público”. Visto que a casa terá atividades internas que são constantemente estimuladas pelo externo.

McDowell (2000, p.16) diz que:

[...] una casa o una vecindad constituyen una localidad delimitad por la escala - esta es, reglas-relaciones de poder que mantienen fuera a los demás, pero se constituyen por la intersección de un conjunto de factores que coinciden allí, sin que por ello su funcionamiento quede restringido al nivel local.

A autora apresenta o conceito da escala como uma forma para entender as relações de poder que acontecem em um determinado recorte espacial, entretanto, não se deve entender aquela escala como uma restrição daquele nível local, mas como uma parte de um todo, de uma relação de outras escalas globais, nacionais, regionais e o local.

Ao pensar a casa então como uma escala espacial de análise geográfica, estamos aqui divergindo do que a ciência geográfica tem feito há décadas, que é considerar apenas as grandes dimensões e ignorar o cotidiano do sujeito como parte também da formulação e reformulação do espaço (Silva, Ornat, 2021).

A casa não vai constituir-se apenas para manter e reforçar os padrões normativos da família “sagrada”, os “bons costumes”, mas irá além, pois dentro deste espaço possuir-se-á uma abundância de relações e significações, bem como, relacionamentos íntimos que irão fugir do que é imposto como o “normal” pelos jogos de poder socialmente construído (Silva, Ornat, 2021).

Silva e Ornat (2021) comentam que:

a casa não é simplesmente um espaço de uma funcionalidade fixa de habitar em um determinado local. A casa é um espaço corporificado, emocionalmente situado e constituído por relações de poder que envolvem classe, raça, gênero, sexualidades, idade, religiosidades e as diferentes possibilidades de interconexões que constituem inúmeras experiências concretas e práticas cotidianas. (66-67)

Podemos então compreender que pensar o espaço da casa é pensar uma diversidade de situações e funcionalidades, sendo este espaço parte de uma relação de jogos de poder. Ignorar este espaço do campo científico é negligenciar uma importante escala de

representação da forma como a sociedade se compõe, visto que dentro da casa como já comentado, as relações de poder socialmente imposta serão então violadas ou reforçadas.

Entretanto, a casa não está desconectada do espaço público, embora seja um espaço singular. A casa nas vertentes hegemônicas da Geografia foi estudada como espaço de acolhimento e proteção, como aponta a obra de Tuan (1974). Entretanto, a casa pode ser entendida também como escala espacial interdependente em que vários eixos de poder se interconectam e constituem um espaço específico.

Gênero e Sexualidade

Quando se trata de pensar em gênero, pode-se afirmar que há, portanto, muitas possibilidades de masculinidades que não se resumem à masculinidade hegemônica. Homens *gays* constituem masculinidades específicas, não apenas por manterem o desejo pelo mesmo corpo sexuado como masculino, mas também porque enfrentam e experimentam masculinidades entendidas como periféricas.

Constituir-se um homem *gay* é um processo lento que se faz nas histórias de vida que são simultaneamente espaciais. Para Andrade (2021) muitos LGBTQIA+ antes de viver livremente sua orientação sexual, e aqui em específico os homens *gays*, muitos necessitam utilizar-se do "armário" (expressão utilizada para significar o esconder-se, reprimir a sexualidade), para viver sem sofrer qualquer tipo de LGBTfobia.

Pensar na masculinidade é entender que ela muda ao longo do tempo, entretanto, sempre está relacionada à ideia de poder (Fagá, 2020). No passado os homens demonstraram sua masculinidade, sua virilidade através dos duelos, seria a forma de garantir sua honra ou a sua soberania sobre os outros. Para Oliveira (2004) os duelos que aconteciam no passado, durante a era da nobreza, representavam não uma disputa de vida ou morte, mas sim uma disputa pelo respeito, a honra, o status de homem perante a sociedade.

Hopkins e Gormam-Murray (2019) apresentam que a masculinidade, mesmo abrindo mão do sentido de força física, bruta, dos duelos, foi revertida na sociedade ocidental para a cultura do condicionamento físico perfeito. Essa mudança, faz com que o cuidado com o corpo masculino deixe de ser considerado "frescura", para ser uma forma positiva com o corpo.

Por fim estas variadas formas da masculinidade, bem como seus preconceitos enraizados na masculinidade tóxica, refletem uma imposição e relação de dependência entre o

sexo e o gênero. Butler (1999) comenta que um homem pode sim apresentar traços femininos e continuar sendo um homem, pois a sua performatividade de gênero não determina se ele é ou deixa de ser algo.

O espaço é constituído através das relações sociais, vai receber e influenciar-nos diferentes cruzamentos das relações de poder e com isso, contribuir para forma como a masculinidade é representada e ainda, reproduzir as relações de gênero, onde a sociedade impõe que a feminilidade é inferior ou então, que existe apenas pela sua diferença para com a masculinidade (Rose, 1993).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Casa e Masculinidades

Para pensar a masculinidade dos gays cacerense, se fez necessário compreender onde esta cidade se encontra. Cáceres é um município do interior de Mato Grosso, a 217km da capital (Cuiabá) e é dominada pelo patriarcado, religiosidade e colonialidade, tendo em vista que foi fundada em 1778, conforme apresenta Nascimento (2017). Entendendo esta localização espacial de Cáceres e um pouco de sua fundação, observa-se que os *gays* cacerense sofreram influência na constituição e performatividade de sua masculinidade, conforme o espaço aqui constituído.

O entrevistado Roxo contribui com o entendimento dessa masculinidade dizendo que:

Masculinidade pra gente soa e da até um medinho, a gente tem que seguir esse padrão, independente do lugar da onde a gente está. Então eu considero assim é, porque a gente tem um jeito de agir com os amigos, tem pessoas que a gente se sente à vontade mesmo de conversar, falar o que quiser e a gente também pode, a gente também age diferente num ambiente familiares, num ambiente de trabalho (Roxo, informação verbal).

O entrevistado traz o entendimento de que, a masculinidade que rompe com a norma estabelecida pela sociedade cisheteronormativa, sofre e precisa ser ocultada ou resignificada como maneira de possibilitar a este sujeito uma sociabilidade. Com isso, alguns sujeitos se mascaram, fingem ou criam diferentes maneiras de performar essa masculinidade subversiva, mas alguns acabam por reproduzir a norma.

Butler (1999) diz que não existe problema em um sujeito masculino representar traços de feminilidade, visto que esta não define o gênero ou sexualidade de uma pessoa. Entretanto, observa-se que devido ao que Bola (2020) apresenta, muitos sujeitos acabam por carregar traços da normatização, o que leva a entender esta linha tênue entre o meio

afeminado e masculino. Na figura 1, tem-se a representação de como os sujeitos se autoidentificam, e as palavras que mais aparecem é masculino, no caso representando o que seria o padrão social. O “afeminado” e o “flutuante” fogem ao padrão e são tentativas de relacionar e caminhar entre as duas formas.

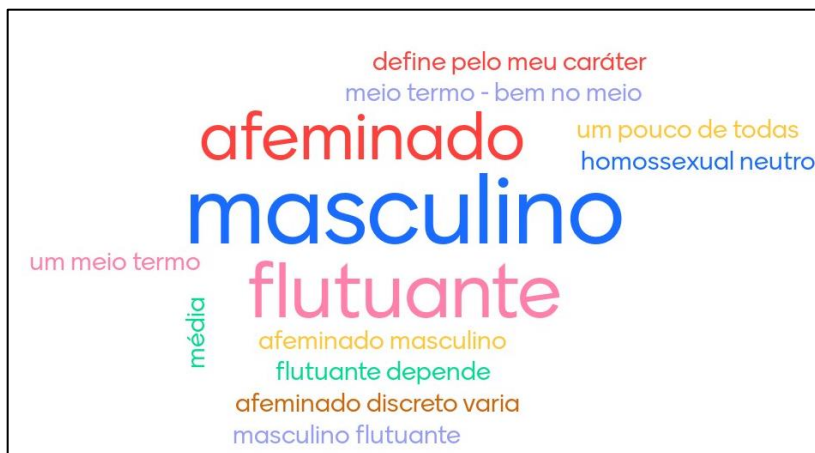


Figura 1 - Nuvem da masculinidade
Fonte: O autor (2023).

Ao entrevistar os participantes, observa-se que estas autodeclarações se repetem, entretanto, nota-se que boa parte dos entrevistados apresenta que suas masculinidades e performatividades variam conforme o espaço em que estão e como esse se relaciona com suas performatividade. Se então, a identidade ou a masculinidade é uma construção cultural, o que impede os sujeitos homossexuais de se expressarem livremente? É o reflexo de uma imposição regulamentatória, constituída na sociedade, que impõe a estes sujeitos uma masculinidade ou feminilidade como única forma, e fugir desta norma se torna um ato político.

Estas realidades da masculinidade diferenciada e subvertente à norma heterossexual, é excluída dos diferentes espaços, visto que até mesmo a casa será considerada enquanto um espaço heterorregulador, pois as masculinidades *gays* que subvertem a norma, precisam diariamente resistir e reescrever no espaço, tanto o externo como no espaço da casa.

Um homossexual *gay*, passa, durante sua vida, por diferentes problemas e dificuldades, incluindo violências pelo simples fato de ser homossexual. Essas dificuldades enfrentadas fazem com esses sujeitos percebam a casa de maneiras distintas. Durante a pesquisa conseguiu perceber que ao todo cada homem *gay* pode vivenciar a casa em três maneiras difentes ao longo das fases da sua vida. A primeira maneira, será por meio do que chamamos de "casa opressora", normalmente vivenciada durante a infância.

Nesta casa, as vivências são negativas e com marcas da cisheteronorma dominante, tentando gravar nestes sujeitos suas regras e normas. No levantamento realizado, 47% dos entrevistados vivenciaram essa casa. Sete dos entrevistados relatam que foram submetidos a diferentes agressões e abusos, dentre eles a violência sexual, ainda na infância, por sujeitos que pertenciam ao círculo familiar.

Outra maneira de vivenciar é o que denominamos de “casa de amor”. Essa é representada, principalmente na infância ou em todas as fases (mas em diferentes momentos), como um ambiente de acolhimento aos sujeitos *gays* e representa um lar, visto a capacidade de apresentar ao sujeito uma vivência livre de situações de opressão, ou seja, a casa se torna um abrigo. Mesmo sendo um lugar de afetividade, ela não se encontra isolada ou distante dos padrões sociais de masculinidade e da heterossexualidade, entretanto, possui respeito e garantia de segurança para estes sujeitos.

Por último, a casa de resistência, que é marcada pela luta e o enfrentamento para contra as normas e regras sociais sobre a masculinidade e a sexualidade. Em especial destaca-se a casa para os casais homoafetivos, que mesmo sofrendo com as determinações da cisheteronorma sobre seus relacionamentos, constituem e representam a resistência e esperança para outros sujeitos homossexuais *gays*.

Gorman-Murray (2008) discute que a casa para homens *gays* desempenha o papel crucial de manifestação das suas identidades com liberdade e, ainda, a casa como o único ambiente que essas identidades não normativas poderiam viver, se sustentar, sem o receio e angústias presenciadas nos espaços externos.

Entende-se então que a casa representa um espaço que pode garantir ao homem *gay* uma vivência positiva, segura, de carinho e, também, de resistência, mas pode representar um espaço opressor, que regula e reforça os padrões sociais da cisheteronormatividade, reproduzindo as opressões do espaço externo. A casa é antes de tudo o centro das constituições das relações espaciais de um sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa por muitos é vista como um espaço privado, particular e que deve ser deixada de fora do campo dos estudos geográficos. Entretanto, observa-se com os dados iniciais desta pesquisa que a casa é uma escala geográfica de importante análise, visto que é neste espaço

onde as relações de um sujeito se iniciam e são modeladas ou reproduzidas posteriormente no espaço público.

Ser LGBTQIA+ no Brasil, ainda é enfrentar diversas marcas de violências e preconceitos, muitos destes, acontecem dentro do próprio espaço da casa. Um sujeito que se considera *gay* vai ser reprimido dentro da sua casa durante a infância e a adolescência, sendo obrigado a performar uma masculinidade e sexualidade divergente daquela a qual lhe faz bem, devido à forma como um homem foi construído dentro da sociedade.

A casa é a representação do eu do sujeito, e como é possível concluir, o homem *gay* vai constituir sua casa (fase adulta da sua vida) como a sua imagem e desejos, é ali naquele espaço que poderá ser livre e vivenciar tudo o que seu eu antes não pode ter sido possibilitado. Ou seja, para um homem *gay* adulto é possível uma casa constituída enquanto lar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. L. **Enviadescendo os territórios: a identidade do jovem homossexual de cárceres**. 2021. Monografia (Graduação em Geografia) Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Departamento de Geografia. Cáceres, 2021.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). **REMEA** - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 27, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193>. Acesso em: 25 nov. 2023.

BOLA, J. J. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Dublinense, 2020.

BUTLER, J. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. M. Antonia Munoz (trad). México: Editora Paidós, 1999.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 12 nov. 2023.

FAGÁ, L. Desde a fronteira. Itaú Cultural. **Todos os gêneros: mostra de arte e diversidade**. ed. 7, São Paulo Itaú Cultural, 2020.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. In **RAE: Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, São Paulo-SP, 1995. p. 20-29. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2023.

GORMAN-MURRAY, A. Reconciling self: gay men and lesbians using domestic materiality for identity management. **Social & Cultural Geography**, ed. 3, v. 9, 2008. Disponível em:



<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14649360801990504?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 20 ago. 2023.

HOPKINS, P.; GORMAN-MURRAY, A. Masculinities and geography, moving forward: men's bodies, emotions and spiritualities. **Gender, Place & Culture**. ed. 3, v. 26. 301-314, 2019. Disponível em: <https://genderplaceandculture.wordpress.com/2019/06/14/volume-26-issue-3-march-2019-is-now-available/>. Acesso em: 01 maio 2023.

MCDOWELL, L. **Género, identidad y lugar**: un estudio de las geografías feministas. Pepa Linares (trad.), Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

NASCIMENTO, E. N. S. **Turismo pedagógico como prática educativa**: reflexões a partir do centro histórico de Cáceres/mt. 2017. Dissertação (mestrado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2017. Disponível em: Acesso em: <http://portal.unemat.br/media/files/PPGGEO/eric-nascimento.pdf>. 02 ago. 2023.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Editora UFMG, 2004.

ROSE, G. **Feminism & geography**: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.

SANTOS, M. **Por uma Nova Geografia**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Casa, corpo e amor: desafios à imaginação geográfica no Brasil em tempos de pandemia. In: VÁRQUEZ G. G. H; J. M. SILVA, WOITOWICZ, K. J. (org) **Vivências de mulheres no tempo e espaço da pandemia de covid-19**: perspectivas transnacionais. Curitiba: CRV, 2021. p. 45-70.

SILVA, M.G.S.N; SILVA, J. M. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Rio de Janeiro: Editora Difel. 1974.